

LÍNGUA PORTUGUESA

Examine a tira de André Dahmer para responder às questões de 01 a 03.

mil anos no escuro



(Malvados, 2008. Adaptado.)

1

A fala “Demora, mas eles aprendem.” (3º quadrinho) sugere que o anjo, a propósito das afirmações do personagem retratado nos dois primeiros quadrinhos,

- a) não tem uma opinião formada sobre elas.
- b) concorda com elas.
- c) nota uma contradição entre elas.
- d) não dá importância a elas.
- e) considera-as pessimistas.

Resolução

A fala do anjo no terceiro quadrinho concorda com o ponto de vista descrente da personagem dos quadrinhos anteriores. Essa personagem, por intermédio da leitura, chega a uma conclusão cética sobre a condição humana.

Resposta: **B**

2

Assinale a alternativa em que se verifica a análise correta de um fato linguístico presente na tira.

- a) Em “Viu, Senhor?” (3.º quadrinho), o termo “Senhor” exerce a função sintática de sujeito do verbo “viu”.
- b) Em “um cão nervoso correndo em círculos, amarrado ao poste da ignorância” (2.º quadrinho), a oposição entre os termos “correndo” e “amarrado” configura um pleonasma.
- c) Em “A humanidade é isso” (2.º quadrinho), o termo “isso” retoma o conteúdo de um enunciado expresso no quadrinho anterior.
- d) Em “Ele vai voltar atrás, você vai ver” (3.º quadrinho), a expressão “voltar atrás” constitui uma redundância.
- e) Em “Ele vai voltar atrás, você vai ver” (3.º quadrinho), a expressão “voltar atrás” pode ser substituída por “se arrepender”.

Resolução

A expressão “voltar atrás”, dada pela personagem Deus, equivale a “se arrepender”, porque fica implícito que haverá represália divina à personagem que considera a humanidade “uma piada de mau gosto de Deus”.

Resposta: E

3

Verifica-se o emprego de vírgula para assinalar a supressão de um verbo

- a) no segundo e no terceiro quadrinhos.
- b) no segundo quadrinho, apenas.
- c) no terceiro quadrinho, apenas.
- d) no primeiro e no terceiro quadrinhos.
- e) no primeiro quadrinho, apenas.

Resolução

Ocorre zeugma, supressão de termo mencionado, no trecho “a televisão é o analista despreparado dos pobres”.

Resposta: E

Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões de 04 a 10.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar¹ a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebrandando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos racontos² antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava

o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativo, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão³.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(Contos de aprendiz, 2012.)

¹ lapidar: apedrejar.

² raconto: relato, narrativa.

³ irrisão: zombaria.

4

De acordo com o segundo parágrafo,

- a) os garotos, ao descerem a rua, tinham como principal objetivo provocar a doida.
- b) as explicações dadas pelas mães para condenar as provocações à doida não comoviam os garotos.
- c) as provocações dos garotos à doida não comoviam ninguém.
- d) as mães, apesar de dizerem o contrário, consideravam as provocações dos seus filhos à doida uma mera brincadeira.
- e) as mães, por considerarem a doida responsável por sua loucura, não repreendiam seus filhos.

Resolução

Os meninos, segundo a narrativa, achavam “bom passar pela casa da doida e provocá-la”, ainda que os mais velhos fizessem recriminações sobre a agressão a um insano e elogios aos benefícios da lucidez. O discurso das mães não fazia efeito na atitude dos filhos.

Resposta: **B**

5

“Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.” (4º parágrafo)

Ao empregar a expressão “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter

- a) fantasioso. b) dramático. c) religioso.
- d) incerto. e) popular.

Resolução

Essa expressão demonstra que o próprio narrador e as personagens não sabem a razão do recém-casado repudiar a noiva. A frase “Deus sabe por que razão” indica o caráter enigmático, misterioso da fuga do noivo durante as núpcias.

Resposta: **D**

6

No trecho “Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os são, fomos aquinhoodos” (2.º parágrafo), em respeito à norma-padrão, estaria correto o uso da preposição “a” em lugar de “com” se a expressão sublinhada fosse substituída por

- a) fazemos jus.
- b) recebemos.
- c) somos merecedores.
- d) estamos satisfeitos.
- e) nos orgulhamos.

Resolução

“Aquinhoar”, que significa *contemplar*, é verbo transitivo indireto e rege a preposição *com*, que foi usada adequadamente antes do pronome relativo “que”. A expressão “fazer jus”, que significa *merecer*, tem verbo transitivo direto e indireto: fazer algo (jus) a alguém. É necessária, portanto, a preposição *a*: *a* que nós, os são, fazemos jus.

Resposta: **A**

7

- “loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo” (4.º parágrafo)
- “Ninguém tinha ânimo de visitá-la” (4.º parágrafo)
- “a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso” (5.º parágrafo)

Os termos sublinhados foram empregados, respectivamente, em sentido

- a) literal, literal e literal.
- b) figurado, literal e figurado.
- c) literal, literal e figurado.
- d) figurado, figurado e literal.
- e) figurado, figurado e figurado.

Resolução

O verbo “lavar”, em seu sentido literal, indica o cultivo agrícola, porém, no excerto, significa a influência do tempo e da loucura na personagem. Apresenta valor conotativo. Já o substantivo abstrato “ânimo” está empregado no seu sentido literal: como “disposição de espírito; humor”, segundo o dicionário *Houaiss*. No caso do verbo “afogar”, o sentido é metafórico, pois indica ênfase no sentimento de remorso da personagem.

Resposta: **B**

8

“Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.” (5º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado expressa ideia de

- a) finalidade. b) causa. c) proporção.
d) comparação. e) consequência.

Resolução

A oração destacada indica circunstância de causa.

Resposta: **B**

9

Em “Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma” (3º parágrafo), o termo sublinhado é um verbo

- a) de ligação. b) transitivo direto e indireto.
c) transitivo direto. d) intransitivo.
e) transitivo indireto.

Resolução

O verbo *aparecer* foi empregado como intransitivo, pois não tem complemento verbal. A expressão “de frente e de corpo inteiro” é adjunto adverbial de modo e “como as outras pessoas”, adjunto adverbial de comparação.

Resposta: **D**

1

0

Derivação regressiva: formação de palavras novas pela redução de uma palavra já existente. A redução se faz mediante supressão de elementos terminais (sufixos, desinências).

(Celso Pedro Luft. *Gramática resumida*, 2004.)

Constitui exemplo de palavra formada pelo processo de derivação regressiva o termo sublinhado em:

- a) “Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto” (4.º parágrafo)
- b) “E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca.” (3.º parágrafo)
- c) “Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho.” (2.º parágrafo)
- d) “A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado.” (1.º parágrafo)
- e) “O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave” (5.º parágrafo)

Resolução

A derivação regressiva ou deverbal ocorre quando o verbo sofre redução e transforma-se em substantivo abstrato, como em vender/a venda, cantar/o canto, pegar/a pega.

Resposta: **C**

11

É com base no mito da Arcádia que erguem suas doutrinas: destruindo a “hidra do mau gosto”, os árcades procuram realizar obra semelhante à dos clássicos antigos. Daí a imitação dos modelos greco-latinos ser a primeira característica a considerar na configuração da estética arcádica.

(Massaud Moisés. *A literatura portuguesa*, 1992. Adaptado.)

A “hidra do mau gosto” mencionada no texto refere-se ao estilo

- a) renascentista.
- b) pré-romântico.
- c) neoclássico.
- d) barroco.
- e) medieval.

Resolução

A “hidra (= serpente fabulosa de sete cabeças que renasciam quando decepadas) do mau gosto” é a opinião sobre a estética barroca. O ponto de vista árcade ou neoclássico, valorizador do estilo simples, considera o rebuscamento da arte barroca antiestético.

Resposta: **D**

Leia o poema “Sou um evadido”, do escritor português Fernando Pessoa, para responder às questões de 12 a 17.

Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
Ah, mas eu fugi.
Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser
Por que não se cansar?
Minha alma procura-me
Mas eu ando a monte¹,
Oxalá que ela
Nunca me encontre.
Ser um é cadeia,
Ser eu é não ser.
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.

(Obra poética, 1997.)

¹ “andar a monte”: andar fugido das autoridades.

12

A fuga retratada no poema é uma fuga

- a) do anonimato.
- b) da identidade.
- c) da multiplicidade.
- d) da sociedade.
- e) da aparência.

Resolução

O poema “Sou um evadido” aborda o núcleo da poética de Fernando Pessoa, que é a desintegração da unidade psicológica, acarretando a divisão da personalidade em heterônimos, como Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos etc. A segunda estrofe, entre outros exemplos, evidencia a dispersão de Fernando Pessoa em outros seres ficcionais.

Resposta: **B**

13

O eu lírico expressa um desejo em:

- a) “Ser eu é não ser.” (4.^a estrofe)
- b) “Ah, mas eu fugi.” (1.^a estrofe)
- c) “Logo que nasci / Fecharam-me em mim,” (1.^a estrofe)
- d) “Minha alma procura-me / Mas eu ando a monte,” (3.^a estrofe)
- e) “Oxalá que ela / Nunca me encontre.” (3.^a estrofe)

Resolução

Oxalá é uma interjeição que “exprime desejo de que aconteça alguma coisa” (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras). Além disso, o verbo no modo subjuntivo (“encontre”) apresenta valor hipotético. Esses elementos estilísticos expressam, portanto, o desejo do eu lírico.

Resposta: **E**

14

O eu lírico inclui o leitor em sua argumentação

- a) na terceira estrofe, apenas.
- b) na primeira estrofe, apenas.
- c) na quarta estrofe, apenas.
- d) na segunda estrofe, apenas.
- e) na segunda e na terceira estrofes.

Resolução

A palavra “gente” tem o sentido de grupo de pessoas da mesma condição ou mesmos costumes e interesses. Apenas na segunda estrofe, o eu lírico inclui o leitor na pergunta que faz sobre o cansaço, o fastio que os seres sentem em relação à mesmice.

Resposta: **D**

15

Decorre da evasão empreendida pelo eu lírico

- a) sua cisão interna.
- b) seu desprezo pelo mundo.
- c) seu desejo de morrer.
- d) sua ausência de esperança.
- e) seu isolamento social.

Resolução

A evasão do eu lírico tem como consequência a cisão da integridade psicológica, pois a fuga empreendida é do lugar e da própria alma que define o ser.

Resposta: **A**

16

“Rima rica” é aquela que ocorre entre palavras de classes gramaticais diferentes, a exemplo do que se verifica

- a) na primeira estrofe (“nasci”/“fugi”) e na segunda estrofe (“lugar”/“cansar”).
- b) na terceira estrofe (“monte”/“encontre”), apenas.
- c) na segunda estrofe (“lugar”/“cansar”), apenas.
- d) na primeira estrofe (“nasci”/“fugi”) e na terceira estrofe (“monte”/“encontre”).
- e) na segunda estrofe (“lugar”/“cansar”) e na terceira estrofe (“monte”/“encontre”).

Resolução

Verifica-se a rima entre classes gramaticais diferentes, classificada como rica, nos versos pares da segunda e terceira estrofes: “lugar” (substantivo) rima com “cansar” (verbo) e “à monte” (locução adverbial) rima com “encontre” (verbo).

Resposta: E

17

“Se a gente se cansa

Do mesmo lugar,

Do mesmo ser

Por que não se cansar?” (2ª estrofe)

Os termos sublinhados constituem

- a) pronomes, somente.
- b) conjunção, pronome e pronome, respectivamente.
- c) conjunções, somente.
- d) pronome, conjunção e conjunção, respectivamente.
- e) conjunção, conjunção e pronome, respectivamente.

Resolução

Em “se a gente”, o “se” é conjunção subordinativa condicional, que pode ser substituída por “caso”.

O verbo “cansar” é pronominal e o pronome funciona como parte integrante do verbo.

Resposta: B

Os _____ haviam “civilizado” a imagem do índio, injetando nele os padrões do cavalheirismo convencional.

O _____, ao contrário, procuraram nele e no negro o primitivismo, que injetaram nos padrões da civilização dominante como renovação e quebra das convenções acadêmicas.

(Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por

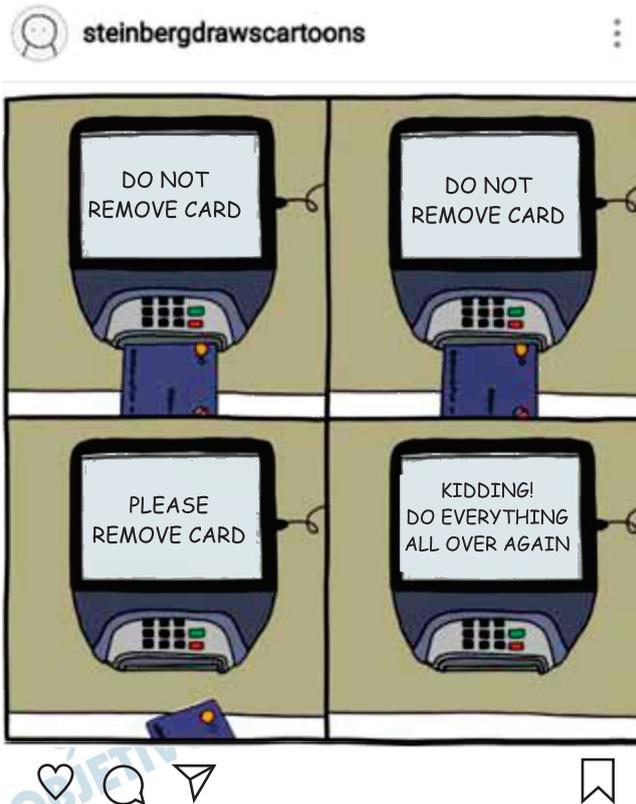
- a) românticos e simbolistas.
- b) árcades e simbolistas.
- c) árcades e modernistas.
- d) românticos e modernistas.
- e) simbolistas e modernistas.

Resolução

O nacionalismo romântico brasileiro atribuiu ao índio características típicas do herói cavalheiresco, idealizando-o na imagem do “bom selvagem” de Rousseau. O Modernismo, por sua vez, segundo Antônio Candido, buscou nas imagens do índio e do negro o primitivismo que rompeu com convenções acadêmicas. Inverteu, portanto, o polo, já que transformou o índio sublime e heroico do Romantismo no mau selvagem, no antropófago, no ser primitivo comandado pelo irracional.

Resposta: **D**

Examine a tira de Steinberg, publicada em seu Instagram no dia 20.08.2018.



Colabora para o efeito de humor da tira o recurso à figura de linguagem denominada

- a) eufemismo. b) pleonasma. c) hipérbole.
d) personificação. e) sinestesia.

Resolução

Em inglês, a tirinha atribui ao terminal de processamento de dados de cartão de crédito (“maquininha de cartão”) o senso de humor de fazer uma “brincadeira” (“*Kidding*”) com o usuário, personificando o aparelho.

Resposta: **D**

Para responder às questões de 20 a 27, leia o trecho do livro *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre.

Mas a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. Desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores. Às vezes guardavam-se joias nas capelas, enfeitando os santos. Daí Nossas Senhoras sobrecarregadas à baiana de teteias, balangandãs, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedito; mas sob o pretexto, ponderável para a época, de que “negro não devia ter luxo”. Com efeito, chegou a proibir-se, nos tempos coloniais, o uso de “ornatos de algum luxo” pelos negros.

Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. Às vezes dinheiro dos outros, de que os senhores ilicitamente se haviam apoderado. Dinheiro que compadres, viúvas e até escravos lhes tinham entregue para guardar. Sucedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido à esperteza ou à morte súbita do depositário. Houve senhores sem escrúpulos que, aceitando valores para guardar, fingiram-se depois de estranhos e desentendidos: “Você está maluco? Deu-me lá alguma cousa para guardar?”

Muito dinheiro enterrado sumiu-se misteriosamente. Joaquim Nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de Maçangana, morreu sem saber que destino tomara a ourama para ele reunida pela boa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. [...] Em várias casas-grandes da Bahia, de Olinda, de Pernambuco se têm encontrado, em demolições ou escavações, botijas de dinheiro. Na que foi dos Pires d’Ávila ou Pires de Carvalho, na Bahia, achou-se, num recanto de parede, “verdadeira fortuna em moedas de ouro”. Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justificados pelos senhores e

mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades. Conta-se que o visconde de Suaçuna, na sua casa-grande de Pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro supliciado por ordem de sua justiça patriarcal. Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos. Um desses patriarcas, Pedro Vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho.

(In: Silvano Santiago (coord.). *Intérpretes do Brasil*, 2000.)

20

De acordo com o texto, os ladrões da época evitavam praticar furtos

- a) devido à violência dos senhores de engenho.
- b) por respeito aos mortos.
- c) devido às crenças religiosas.
- d) em razão do rigor da justiça.
- e) por medo de assombrações.

Resolução

Os ladrões, devido ao respeito à religiosidade, raramente furtavam peças sagradas nas igrejas.

Resposta: **C**

21

“Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justicados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades.” (3º parágrafo)

Conclui-se da leitura desse trecho que, em relação às autoridades, os senhores de engenho assumiam um comportamento

- a) transgressor.
- b) vingativo.
- c) submisso.
- d) isento.
- e) respeitoso.

Resolução

Os senhores de engenho não respeitavam a lei, matavam os escravos e os enterravam na casa-grande, numa clara atitude de desobediência às autoridades.

Resposta: **A**

22

Guardadas as proporções, o ambiente retratado no texto de Gilberto Freyre aparece com destaque na produção literária de

- a) Euclides da Cunha.
- b) Machado de Assis.
- c) Aluísio Azevedo.
- d) José Lins do Rego.
- e) Lima Barreto.

Resolução

A obra de José Lins do Rego tem aspectos que “apresentam o mesmo componente social que Gilberto Freyre aborda em *Casa-grande e senzala*”. Os romances do ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego, autor do neorrealismo modernista, apesar de mostrarem o convívio interétnico do homem negro com o proprietário rural, revelam a mesma exclusão de igualdade social que está em *Casa-grande e senzala*, obra que analisa sociologicamente a formação cultural do Brasil.

Resposta: **D**

23

“Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedito; mas sob o pretexto, ponderável para a época, de que ‘negro não devia ter luxo’.” (1º parágrafo)

Em relação à frase anterior, a frase sublinhada constitui uma

- a) condição. b) ratificação. c) conclusão.
- d) redundância. e) ressalva.

Resolução

A frase sublinhada faz uma ressalva ao período anterior, o qual afirma serem raros os roubos em lugares religiosos, porém um desses furtos incomuns ocorreu em uma estátua de São Benedito sob o pretexto de que “negro não devia ter luxo”.

Resposta: **E**

24

Em “Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos.” (3º parágrafo), a conjunção que poderia unir as duas frases, sem alteração de sentido, é:

- a) como.
- b) mas.
- c) embora.
- d) se.
- e) pois.

Resolução

A conjunção coordenativa sindética “pois” une com correção as duas orações, já que estabelece o sentido de explicação que justifica o que “não é de admirar”.

Resposta: **E**

25

A expressão do texto cujo sentido está corretamente indicado é:

- a) “ponderável para a época” (1º parágrafo) → desprezível para o tempo.
- b) “tempos piedosos” (1º parágrafo) → época fervorosa.
- c) “excessos demagógicos” (2º parágrafo) → desmando político.
- d) “tendências comunistas” (2º parágrafo) → incitação pública.
- e) “zelos exagerados” (2º parágrafo) → aflições excessivas.

Resolução

O substantivo “tempos” é usado como sinônimo de “época”, e “piedoso”, segundo o *dicionário Houaiss*, é “aquele que tem devoção, amor pelas coisas religiosas”, ou seja, “fervorosos”.

Resposta: **B**

26

Ao se transpor a frase “Às vezes guardavam-se joias nas capelas, enfeitando os santos.” (1º parágrafo) para a voz passiva analítica, o termo sublinhado assume a seguinte forma:

- a) seriam guardadas.
- b) fossem guardadas.
- c) foram guardadas.
- d) eram guardadas.
- e) são guardadas.

Resolução

A oração destacada está na voz passiva sintética. Na passagem para a voz passiva analítica, elimina-se o pronome apassivador “se”, acrescenta-se o verbo auxiliar “ser” no mesmo tempo do verbo da passiva sintética (pretérito imperfeito) e coloca-se o verbo “guardar” no particípio passado: “eram guardadas”.

Resposta: **D**

A forma verbal destacada deve sua flexão ao termo sublinhado em:

- a) “*Deu*-me lá alguma coisa para guardar?” (2º parágrafo)
- b) “*Sucedeu* muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido à esperteza ou à morte súbita do depositário.” (2º parágrafo)
- c) “*Desempenhou* outra função importante na economia brasileira: foi também banco.” (1º parágrafo)
- d) “os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, *enterraram* dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos.” (2º parágrafo)
- e) “Às vezes dinheiro dos outros, de que os senhores ilicitamente *se haviam apoderado.*” (2º parágrafo)

Resolução

“Sucedeu” é a oração principal que vem seguida de sujeito oracional. Nesse caso, o verbo da oração principal fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Em *a*, o verbo concorda com o sujeito oculto “você”, indicado na oração anterior; em *c*, concorda com o sujeito também oculto “a casa-grande”, indicado no período anterior; em *d*, concorda com o sujeito simples plural “os grandes proprietários”; em *e*, com o sujeito também simples no plural, “os senhores”.

Resposta: **B**

A verve social da poesia de João Cabral de Melo Neto mostra-se mais evidente nos versos:

a) A cana cortada é uma foice.

Cortada num ângulo agudo,
ganha o gume afiado da foice
que a corta em foice, um dar-se mútuo.

Menino, o gume de uma cana
cortou-me ao quase de cegar-me,
e uma cicatriz, que não guardo,
soube dentro de mim guardar-se.

b) Formas primitivas fecham os olhos

escafandros ocultam luzes frias;
invisíveis na superfície pálpebras
não batem.

Friorentos corremos ao sol gelado
de teu país de mina onde guardas
o alimento a química o enxofre
da noite.

c) No espaço jornal

a sombra come a laranja,
a laranja se atira no rio,
não é um rio, é o mar
que transborda de meu olho.

No espaço jornal
nascendo do relógio
vejo mãos, não palavras,
sonho alta noite a mulher
tenho a mulher e o peixe.

d) Os sonhos cobrem-se de pó.

Um último esforço de concentração
morre no meu peito de homem enforcado.
Tenho no meu quarto manequins corcundas
onde me reproduzo
e me contemplo em silêncio.

e) O mar soprava sinos

os sinos secavam as flores
as flores eram cabeças de santos.

Minha memória cheia de palavras
meus pensamentos procurando fantasmas
meus pesadelos atrasados de muitas noites.

Resolução

Os versos constantes em “Menino de Engenho” evidenciam o duro ciclo do cultivo da cana-de-açúcar, pois a cicatriz deixada pelo “gume de uma cana” vai além de uma marca física, refere-se a um registro simbólico no corpo: as cruéis condições de trabalho vividas pelos lavradores rurais.

Resposta: **A**

Para exprimir seu pensamento, este escritor teve de forjar uma língua que é só dele. O leitor que aborda pela primeira vez um de seus livros fica desconcertado com a obscuridade dessa língua. Mas ao mesmo tempo é subjugado, e enfeitado, por essa maneira inteiramente nova de dizer as coisas. E pouco a pouco tudo começa a adquirir um sentido, um sentido múltiplo, ambíguo, numa palavra, poético. Seu vocabulário é inteiramente renovado pela prática sistemática do neologismo. Todos os recursos da fonética são explorados.

(Paul Teyssier. *Dicionário de literatura brasileira*, 2003. Adaptado.)

O texto refere-se ao escritor

- a) Guimarães Rosa.
- b) Graciliano Ramos.
- c) Euclides da Cunha.
- d) Machado de Assis.
- e) José de Alencar.

Resolução

O estilo original da escrita de Guimarães Rosa caracteriza-se pela ampla instrumentalização da linguagem, destacando-se a criação de inúmeros neologismos, a atribuição de sentido inusitado à palavra, o exercício poético por meio de metáforas incomuns e a exploração do ritmo, isto é, a melopeia.

Resposta: **A**

Tal movimento artístico floresceu em meados do século XX e baseava-se no imaginário do consumismo e da cultura popular. Foi visto como uma reação ao expressionismo abstrato, pois seus praticantes reintroduziram no repertório plástico imagens figurativas e fizeram uso de temas banais.

(Ian Chilvers (org.). *Dicionário Oxford de arte*, 2007. Adaptado.)

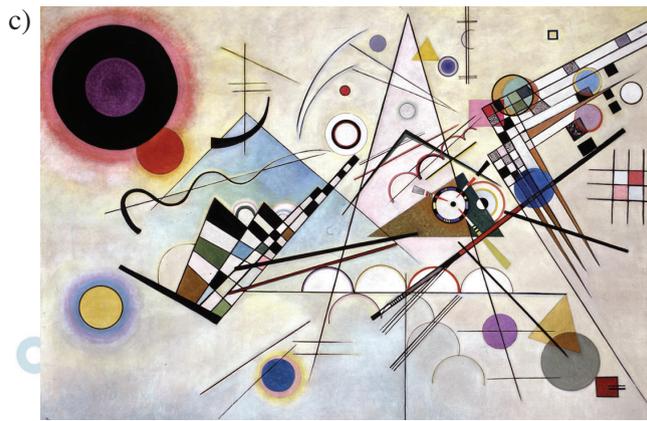
Uma obra representativa do movimento artístico retratado no texto está reproduzida em:



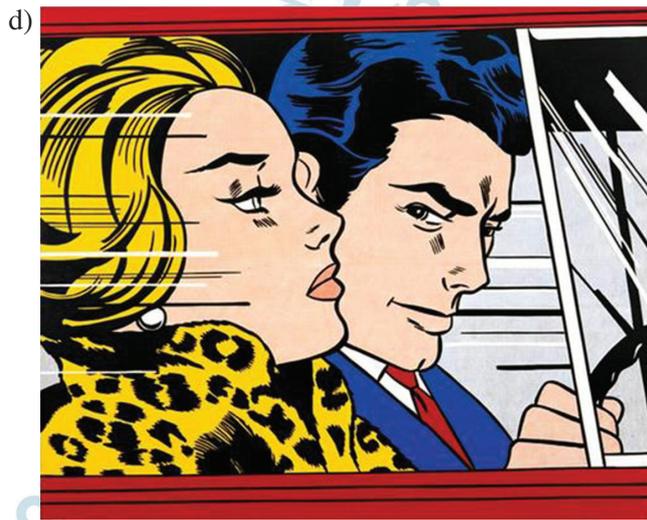
(René Magritte. *Variante da tristeza*.)



(Salvador Dalí. *Sonho causado pelo voo de uma abelha ao redor de uma romã um segundo antes de acordar*.)



(Wassily Kandinsky. *Composição VIII.*)



(Roy Lichtenstein. *No carro.*)



(Jackson Pollock. *Sem título.*)

Resolução

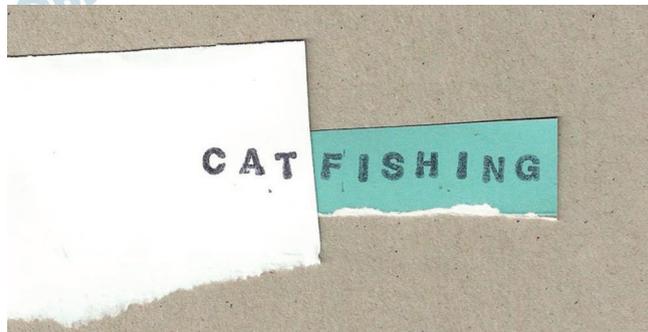
A *Pop Art* ou *Art Pop*, movimento artístico que se originou na Inglaterra, na década de 1950, caracteriza-se pelo emprego de cores brilhantes e traçados fortes, retirando seus elementos principais da cultura de massa e da sociedade de consumo, como imagens comuns às campanhas publicitárias e histórias em quadrinhos, opondo-se ao Expressionismo abstrato, que defendia a “arte elevada” e distante das massas populares.

Resposta: D

Leia o texto para responder às questões de 31 a 35.

Words that define the present

At a time when the world is changing more quickly than ever before, we need a new vocabulary to help us grasp what's happening.



Catfishing. This word would make more sense if it referred to fishing for cats, but in fact, it refers to people who construct false identities online. Whether out of boredom, loneliness or malice, they lure other people into continued messaging correspondence, thereby building false relationships with them (the apparent source of the term “catfish” is a 2010 documentary called *Catfish*, whose verity, ironically enough, has been questioned).

There are two ways of looking at this: 1) The internet/cyberspace is wonderful, because it gives people the freedom to augment or totally change their identities, and this is a marvellous new dawn for human expression, a new step in human evolution. 2) Nah, it's a false dawn, because the internet is essentially a libertarian arena, and, as such, an amoral one (lots of “freedoms” but with no attendant social obligations); it is a new jungle where we must watch our backs and struggle for survival, surely a backward step in evolution. I lean toward the latter.

(Cameron Laux. www.bbc.com, 08.08.2018. Adaptado.)

31

De acordo com o texto, o termo *catfishing*

- a) é baseado em um filme com narrativa equivocada.
- b) representa um tipo de jogo entre duas identidades fictícias na internet.
- c) é atribuído a uma plataforma *on-line* de relacionamentos na internet.
- d) denuncia relacionamentos que estão se tornando essencialmente virtuais.
- e) implica interpretações que podem ser positivas ou negativas.

Resolução

Encontramos a informação no seguinte trecho do texto:

“The internet/ cyberspace is wonderful, because it gives people the freedom to augment or totally change their identities, and this is a marvellous new dawn for human expression, a new step in human evolution. 2) Nah, it’s a false dawn, because the internet is essentially a libertarian arena, and, as such, an amoral one (lots of “freedoms” but with no attendant social obligations).”

Resposta: E

32

According to the first paragraph, new words like “catfishing” are necessary because they

- a) aid older people who may not understand what young people mean.
- b) describe a generational conflict between outdated and new manners.
- c) prove that new behaviours appear and vanish too quickly.
- d) help people to understand transformations in the world.
- e) show that language is not supposed to be stagnant.

Resolução

Novas palavras como “catfishing” são necessárias, pois ajudam as pessoas a entenderem as transformações no mundo.

No texto:

“At a time when the world is changing more quickly than ever before, we need a new vocabulary to help us grasp what’s happening.”

Resposta: D

33

No trecho do segundo parágrafo “they lure other people into continued messaging correspondence”, o termo sublinhado tem sentido, em português, de

- a) selecionar.
- b) atrair.
- c) desprezar.
- d) conversar.
- e) impressionar.

Resolução

* to lure = atrair, seduzir

Resposta: **B**

34

O trecho do terceiro parágrafo “we must watch our backs” significa que devemos

- a) enfrentar os desafios de frente.
- b) lutar contra as adversidades da vida.
- c) prestar atenção para não sermos pegos de surpresa.
- d) virar as costas para pessoas desagradáveis.
- e) deixar o passado para trás.

Resolução

A expressão “we must watch our backs” significa que devemos prestar atenção para não sermos pegos de surpresa.

Resposta: **C**

35

No trecho final do terceiro parágrafo “I lean toward the latter”, a expressão sublinhada refere-se

- a) à evolução humana proporcionada pela internet.
- b) ao primeiro item numerado no parágrafo.
- c) ao segundo item numerado no parágrafo.
- d) aos conceitos relacionados à internet e ao ciberespaço.
- e) à internet como espaço de liberdade.

Resolução

“I lean toward the latter” refere-se ao segundo item numerado no parágrafo.

* the former... the latter = o primeiro... o último (de dois)

Resposta: **C**



(www.pinterest.co.uk)

The woman

- a) regrets that people accept only her internet identity.
- b) presents herself in an unreal way on the internet.
- c) discovered that her date is catfishing on the internet.
- d) wishes to be like someone she met on the internet.
- e) fell in love with a fake internet profile.

Resolução

A mulher se apresenta de uma forma irreal na internet.

Tradução da tirinha: “Apenas quero alguém que me ame e me aceite pelo que eu finjo ser na internet.”

Resposta: **B**

Leia o texto para responder às questões de 37 a 44.

Why so few nurses are men



Ask health professionals in any country what the biggest problem in their health-care system is and one of the most common answers is the shortage of nurses. In ageing rich countries, demand for nursing care is becoming increasingly insatiable. Britain's National Health Service, for example, has 40,000-odd nurse vacancies. Poor countries struggle with the emigration of nurses for greener pastures. One obvious solution seems neglected: recruit more men. Typically, just 5-10% of nurses registered in a given country are men. Why so few?

Views of nursing as a “woman's job” have deep roots. Florence Nightingale, who established the principles of modern nursing in the 1860s, insisted that men's “hard and horny” hands were “not fitted to touch, bathe and dress wounded limbs”. In Britain the Royal College of Nursing, the profession's union, did not even admit men as members until 1960. Some nursing schools in America started admitting men only in 1982, after a Supreme Court ruling forced them to. Senior nurse titles such as “sister” (a ward manager) and “matron” (which in some countries is used for men as well) do not help matters. Unsurprisingly, some older people do not even know that men can be nurses too. Male nurses often encounter patients who assume they are doctors.

Another problem is that beliefs about what a nursing job entails are often outdated – in ways that may be particularly off-putting for men. In films, nurses are commonly portrayed as the helpers of heroic male doctors. In fact, nurses do most of their work independently and are the first responders to patients in crisis. To dispel myths, nurse-recruitment campaigns display nursing as a professional job with career progression, specialisms like anaesthetics, cardiology or emergency care, and use for skills related to technology, innovation and leadership. However, attracting men without playing to gender stereotypes can be tricky. “Are you man enough to be a nurse?”, the slogan of an American campaign, was involved in controversy.

Nursing is not a career many boys aspire to, or are encouraged to consider. Only two-fifths of British parents say they would be proud if their son became a nurse. Because of all this, men who go into nursing are usually already closely familiar with the job. Some are following in the career footsteps of their mothers. Others decide that the job would suit them after they see a male nurse care for a relative or they themselves get care from a male nurse when hospitalised. Although many gender stereotypes about jobs and caring have crumbled, nursing has, so far, remained unaffected.

(www.economist.com, 22.08.2018. Adaptado.)

37

The excerpt from the first paragraph “In ageing rich countries, demand for nursing care is becoming increasingly insatiable” means that

- a) some rich people can pay for private nurses to assist them.
- b) most nurses refuse to assist elderly people even when they are well paid.
- c) rich countries can afford nursing care for their population in hospitals.
- d) the demand for nurses is stable in most ageing rich countries.
- e) the older the population in rich countries, the greater the need for nursing care.

Resolução

O trecho mencionado significa que quanto mais velha a população em países ricos, maior a necessidade de cuidados de enfermagem.

Resposta: E

38

No trecho do primeiro parágrafo “Poor countries struggle with the emigration of nurses for greener pastures”, a expressão sublinhada tem sentido de

- a) qualificação educacional.
- b) estabilidade familiar.
- c) superação do desemprego.
- d) melhores condições profissionais.
- e) vida tranquila no campo.

Resolução

No trecho “Países pobres lutam com a emigração de enfermeiras em busca de pastos mais verdes” o que equivale a dizer que lutam por melhores condições profissionais.

Resposta: D

39

De acordo com o segundo parágrafo,

- a) os pacientes preferem ser cuidados por enfermeiras e tratados por médicos.
- b) a Suprema Corte dos Estados Unidos vetou a admissão de homens em escolas de enfermagem em 1982.
- c) Florence Nightingale foi a primeira enfermeira do Reino Unido, em 1860.
- d) uma tradição histórica desencorajava e até impedia homens de serem enfermeiros.
- e) a enfermagem é realmente mais adequada às mulheres.

Resolução

Encontramos a informação no seguinte trecho:

“Views of nursing as a “woman’s job” have deep roots. Florence Nightingale, who established the principles of modern nursing in the 1860s, insisted that men’s “hard and horny” hands were “not fitted to touch, bathe and dress wounded limbs”. In Britain the Royal College of Nursing, the profession’s union, did not even admit men as members until 1960.”

Resposta: **D**

40

No trecho do segundo parágrafo “did not even admit men as members until 1960”, o termo sublinhado indica

- a) descrédito.
- b) ênfase.
- c) conclusão.
- d) generalização.
- e) conformidade.

Resolução

“did not even admit men as members until 1960” = nem mesmo admitiam homens como membros até 1960.

Resposta: **B**

41

O trecho do terceiro parágrafo que exemplifica a visão ultrapassada sobre a enfermagem, que pode desestimular homens a seguirem a profissão, é:

- a) “attracting men without playing to gender stereotypes can be tricky”.
- b) “nurses do most of their work independently and are the first responders to patients in crisis”.
- c) “nurse-recruitment campaigns display nursing as a professional job with career progression, specialisms like anaesthetics, cardiology or emergency care”.
- d) “In films, nurses are commonly portrayed as the helpers of heroic male doctors”.
- e) “the slogan of an American campaign, was involved in controversy”.

Resolução

“In films, nurses are commonly portrayed as the helpers of heroic male doctors.” = Nos filmes, enfermeiras são comumente retratadas como auxiliares de médicos heróis.

Resposta: **D**

42

No trecho do terceiro parágrafo “To dispel myths, nurse-recruitment campaigns”, o termo sublinhado indica

- a) equivalência.
- b) adição.
- c) causa.
- d) contraste.
- e) finalidade.

Resolução

“To dispel myths, ...” = Para eliminar mitos, ...

* to indica finalidade

Resposta: **E**

43

No trecho do quarto parágrafo “Although many gender stereotypes about jobs and caring have crumbled”, o termo sublinhado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- a) because.
- b) otherwise.
- c) unless.
- d) though.
- e) therefore.

Resolução

* **Although = though = embora**

Resposta: **D**

44

No trecho do quarto parágrafo “gender stereotypes about jobs and caring have crumbled”, o termo sublinhado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- a) continued.
- b) aggregated.
- c) recovered.
- d) strengthened.
- e) collapsed.

Resolução

* to crumble = to collapse = desmoronar, ruir

Resposta: **E**

45



"THE DOCTOR HAS JUST FINISHED HIS ROUNDS. I'D BETTER GO SOOTHE THE PATIENT'S PSYCHES."

(www.nursebuff.com. Adaptado.)

Compared to the previous text “Why so few nurses are men”, the cartoon

- a) encourages both men and women to become nurses.
- b) confirms the stereotype of female nurses.
- c) suggests that nurses think that doctors are heroes.
- d) implies that men make better doctors.
- e) shows that doctors are often distressed.

Resolução

A tirinha confirma o estereótipo das enfermeiras.

Tradução: “O Doutor acabou de terminar suas visitas. Seria melhor eu acalmar o estado psicológico dos pacientes.”

Resposta: **B**

Texto 1

A morte continua sendo um tabu. Por isso não falamos dela. Mas quando perguntamos às pessoas se têm medo da morte, elas costumam responder que, na verdade, têm medo do sofrimento. Da dor física, claro, mas também da dor psicológica de ter que continuar vivendo em condições insuportáveis. “Sinto-me preso numa jaula”, dizia Fabiano Antoniani, um tetraplégico italiano que vivia prostrado desde que sofreu um grave acidente, em 2014, que o deixou sem visão nem mobilidade. Sabia que ainda podia viver bastante tempo, porque o organismo de um homem forte de 40 anos pode aguentar muito, mas não queria seguir assim. No final de fevereiro, Antoniani foi à Suíça – o único país, entre os seis nos quais a eutanásia (a ajuda ao suicídio) está legalizada, que admite estrangeiros. Ele mesmo, com um movimento dos lábios, acionou o mecanismo que introduziu o coquetel da morte em sua boca.

A perspectiva de uma longa e penosa deterioração faz com que muitos cidadãos queiram decidir, por si sós, quando e como morrer. Nas palavras de Ramón Sampederro (tetraplégico espanhol que recorreu em vão aos tribunais para que o ajudassem a morrer), existe o direito à vida, mas não a obrigação de viver a qualquer preço. Este é o princípio no qual se baseiam os que propõem a despenalização da eutanásia. Ter acesso a uma morte medicamente assistida significaria uma extensão dos direitos civis.

Romper o tabu da morte exige poder falar com naturalidade dela. A regulamentação da eutanásia precisa de uma deliberação informada, distante dos apriorismos e dos sectarismos ideológicos. Sempre haverá opositores porque consideram que as pessoas não podem dispor de sua vida pois ela só a Deus pertence. Os partidários da regulamentação lembram que o fato de que seja regulada não obriga ninguém a optar pela eutanásia.

(Milagros Pérez Oliva. “Quem decide como devemos morrer?”.

<http://brasil.elpais.com>, 01.04.2017. Adaptado.)

Texto 2

Professor de antropologia da Unesp (Universidade Estadual Paulista), Claudio Bertolli enxerga a eutanásia como uma questão de liberdade individual. Portanto, cabe ao indivíduo decidir o que fazer. Essa opinião é compartilhada por Reinaldo Ayer (coordenador do Centro de Bioética do Conselho Regional de Medicina de São Paulo): “A pessoa deve ter todos os recursos para reverter ou minimizar uma situação de doença. Mas, mesmo com tudo isso, ela pode decidir por não continuar. Neste momento, tem que ser dada a ela a possibilidade de escolha.”

A juíza Mônica Silveira (autora do livro *Eutanásia: humanizando a visão jurídica*) fala que a liberdade ilimitada não é uma forma de proteger o cidadão: “Começa como permissão e pode se tornar obrigação. Pode haver pressão social para que idosos e doentes recorram à prática. Quando você autoriza determinado tipo de prática, não tem como dominar os efeitos de propagação.”

Há seis anos trabalhando em UTIs na Secretaria de Saúde do Distrito Federal, o psicólogo Adriano Facioli é a favor da prática: “Sem eutanásia as pessoas sofrem. Muitos que poderiam ocupar aquele leito morrem porque tem alguém condenado submetido a uma distanásia [morte lenta, com grande sofrimento]. O que o Estado faz é investir no sofrimento das pessoas, uma vez que não existe acesso aos cuidados paliativos nem a legalização da eutanásia.”

(“Vida ou morte: os argumentos pró e contra sobre o direito de morrer por aqueles que convivem com a iminência do fim”.

<https://tab.uol.com.br>. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Eutanásia: Entre a Liberdade de Escolha e a Preservação da Vida

Comentário à proposta de redação

O candidato foi convidado a dissertar sobre o tema “Eutanásia: entre a liberdade de escolha e a preservação da vida”, contando com dois textos para posicionar-se sobre o assunto. O primeiro deles traz depoimentos de europeus que, diante de extremos problemas de saúde, tiveram a eutanásia negada em seus países. O excerto ainda lembra que as pessoas podem não ter medo da morte, mas temem o sofrimento físico e psicológico associado a ela. O acesso a uma morte assistida preserva a dignidade humana e seria, portanto, uma extensão dos direitos civis. Aqueles contrários à decisão, muitos deles por motivos religiosos, não seriam lesados, uma vez que a prática só seria realizada sob consulta. O texto II apresenta opiniões díspares, uma delas defende a eutanásia como respeito à liberdade individual e meio de liberar leitos em hospitais públicos superlotados, no lugar de reter pacientes que desejam pôr um fim a um longo e doloroso processo. A argumentação contrária alega que, uma vez que a lei permita a eutanásia, pessoas idosas, adoentadas ou portadoras de deficiência podem sofrer pressão social para realizar o procedimento definitivo, tornando-o padrão nos hospitais. Caberia ao vestibulando apresentar uma tese clara,

defendendo ou condenando a legalidade da eutanásia, ou, caso optasse por uma legalização com ressalvas, expusesse objetivamente quais seriam. Para defender a legalização, poderia ser usado como argumento o fato de que não cabe ao Estado obrigar o cidadão a uma situação dolorosa contra sua vontade, sobretudo em casos de doenças sem cura e que comprometem muito a qualidade de vida. Sendo laico, o país não deve decidir suas leis a partir de crenças de determinada religião. Com um debate social livre de tabus, poder-se-iam criar mecanismos legais para que o paciente tome uma decisão consciente.

Por outro lado, aqueles contrários à legalização da eutanásia alegariam que a prática conduziria pessoas com possibilidade de cura ou tratamento, num momento de desespero, a encerrar a própria vida. A legalização da eutanásia facilitaria práticas ilícitas e imorais com interesses financeiros. A grande desigualdade socioeconômica brasileira poderia ser lembrada como fator negativo à liberação do procedimento capital, pois nem todos os cidadãos teriam acesso a bons tratamentos.

Por fim, haveria a possibilidade de o candidato defender a legalização com ressalvas, por exemplo, apenas em casos de doenças incuráveis, ou quando o doente expressasse sua vontade, impedindo que a decisão fosse tomada por familiares.


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO


OBJETIVO